

Pré-platônicos ou pré-socráticos?

Pre-platonics or pre-socratics?

Fernanda Bulhões*

Resumo: Este artigo tem por objetivo elucidar dois modos de Nietzsche situar Sócrates na história da filosofia: como o último filósofo puro, em continuidade com uma sequência que começa com Tales, e como o primeiro filósofo grego que rompe com seus antecessores, marcando o fim de um glorioso percurso e o início de um “duvidoso Iluminismo”. Pretendemos mostrar que não se trata de uma contradição na interpretação nietzschiana sobre Sócrates, já que ele utiliza duas perspectivas diferentes, mas não opostas.

Palavras-chave: Nietzsche; Sócrates; filosofia; Grécia antiga.

Abstract: This article aims to elucidate the two manners by which Nietzsche places Socrates in the history of philosophy: as the last pure philosopher, in a continuum with a sequence that starts with Thales, and as the first Greek philosopher, who splits from his antecessors and thus defines the end of a glorious path and the beginning of a “dubious Enlightenment”. We intend to show that this is not a contradiction in Nietzsche’s interpretation of Socrates, since he uses two different but not opposed perspectives.

Keywords: Nietzsche; Socrates; philosophy; Ancient Greece.

Nietzsche inicia sua vida filosófica com uma excelente bagagem adquirida em seus estudos de filologia. Admirador e profundo conhecedor da civilização helênica, a partir de 1869, quando foi convidado a assumir a cátedra de filologia clássica na Universidade da Basileia, Nietzsche intencionava ministrar um curso sobre os primeiros filósofos gregos. Como preparação para seu curso, que se realizou em 1873, foi escrevendo (de 1869 a 1872) um denso e detalhado manuscrito intitulado *Os filósofos pré-platônicos*, em que constam as inúmeras fontes bibliográficas utilizadas e também extensos comentários desenvolvidos a partir de seus estudos. Esse manuscrito, conhecido como as *Lições sobre os filósofos pré-platônicos*, é o material que está, por

* Professora Dra. da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Natal, RN, Brasil. Contato: fernandabulhoes@hotmail.com

Pré-platônicos ou pré-socráticos?

assim dizer, por trás de seu pequeno e sintético texto inacabado que seria publicado com o nome de *A filosofia na época trágica dos gregos*.

Nesses dois textos – as *Lições* e *A filosofia na época trágica dos gregos* – Nietzsche apresenta os primeiros filósofos gregos, que viveram nos séculos VI e V a.C., usando o termo “pré-platônicos”¹, o que corresponde a uma sequência que começa com Tales e acaba com Sócrates. Os filósofos pré-platônicos são aí interpretados como expressões da exuberância e criatividade da época áurea dos gregos que foi a época trágica. Eles seriam os “tipos principais do espírito filosófico, aos quais toda a posteridade nada acrescentou de especial” (*Les philosophes préplatoniciens*, p. 93). Seriam “grandes homens” (PHT/FT, Prefácio)², “talhados de uma só pedra”, possuidores da mesma “energia virtuosa” e formariam uma “República de gênios” (PHT/FT, §II). Nos fala Nietzsche:

Todos os povos se envergonham quando se aponta para uma sociedade de filósofos tão maravilhosamente idealizada como a dos velhos mestres gregos: Tales, Anaximandro, Heráclito, Parmênides, Anaxágoras, Empédocles, Demócrito e Sócrates. Todos esses homens são talhados de uma só pedra. O seu pensamento e o seu caráter estão ligados por uma necessidade estrita. Ignoram todas as convenções, porque naquela altura não havia nenhuma classe de filósofos e de sábios. Todos eles são, numa solidão extraordinária, os únicos homens votados ao conhecimento. Todos possuem a energia virtuosa dos Antigos (PHT/FT, § I).

Em 1872, portanto, entre a redação das *Lições* e *A filosofia na época trágica dos gregos* que foi escrito em 1873, o jovem professor publica *O nascimento da tragédia no espírito da música*. Nesse polêmico livro, Nietzsche, por um lado, mantém a mesma ideia que estava presente nos outros dois escritos póstumos acima citados, que a história da Grécia Antiga estava separada em dois momentos distintos: um glorioso, que vai de Homero aos poetas trágicos e aos primeiros filósofos, quando os gregos são um modelo

¹ A expressão “pré-platônicos” (*Vorplatoniker*) só foi utilizada nos póstumos entre 1869 e 1873, consta no título do seu extenso manuscrito e também na seção II de *A filosofia na época trágica dos gregos* e nos seguintes fragmentos póstumos: NF/FP 2[2] outono de 1869; NF/FP 3[67] e 3[84] inverno-primavera de 1869; NF/FP 8[75] e 8[79] inverno de 1870-71 - outono de 1872; NF/FP 9[47] 1871; NF/FP 14[28] primavera de 1871 - início de 1872; NF/FP 16[17] inverno de 1871 - primavera de 1872; NF/FP 19[129] verão de 1872 - início de 1873; NF/FP 21[7] verão de 1872 - início de 1873; NF/FP 23[16] e 23[23] inverno de 1872-73; NF/FP 27[64] primavera-outono 1873; NF/FP 29[167] verão-outono de 1873.

² No primeiro prefácio de *A filosofia na época trágica dos gregos*, Nietzsche avisa ao leitor que, para ele, mais importante do que a veracidade ou falsidade dos sistemas teóricos, é perceber a personalidade de cada filósofo. O que ele quer é “extrair o fragmento de *personalidade* que contém e que pertence ao elemento irrefutável que a história deve guardar [...] e que não nos pode ser roubado por nenhum conhecimento posterior: o grande homem” (PHT/FT, Prefácio).

para todas as outras culturas³, e um outro decadente, quando a Grécia é tomada por uma profunda e radical crise de valores morais, sociais, políticos, estéticos e religiosos que leva abaixo as bases da civilização grega. Por outro lado, em contraposição aos póstumos, em *O nascimento da tragédia*, Sócrates não é apresentado em continuidade com a série dos antigos mestres que começa com Tales. Aqui, o que Nietzsche destaca com todas as cores é a ideia de que Sócrates rompe radicalmente com os pensadores que o antecederam. A pedra a partir da qual ele foi talhado é outra. A energia que percorre seu corpo também é bem diferente da que corria nas veias dos filósofos (podemos dizer) pré-socráticos⁴. Aliás, a ruptura gerada por Sócrates não se dá apenas no âmbito da filosofia nem da civilização grega, mas também na “chamada história universal”:

Quem se der conta com clareza de como depois de Sócrates, o mistagogo da ciência, uma escola de filósofos sucede a outra, qual onda após onda, [...] uma universalidade jamais pressentida da avidez de saber conduzia a ciência ao alto mar [...] através dessa universalidade uma rede conjunta de pensamentos é estendida pela primeira vez sobre o conjunto do globo terrestre, com vista mesmo ao estabelecimento de leis para todo um sistema solar; quem tiver tudo isso presente [...] não poderá deixar de enxergar em Sócrates um ponto de inflexão e um vértice da assim chamada história universal (GT/NT, § 15).

Ou seja, encontramos nesses três textos de juventude de Nietzsche (aos quais, nós, nesse breve artigo, nos restringiremos) dois modos distintos de agrupar os primeiros filósofos gregos: o primeiro, numa série de Tales a Sócrates, o segundo, de Tales a Demócrito. Desse modo, o leitor, constatando tal ambiguidade, questiona: afinal, quem são os primeiros filósofos gregos, são pré-platônicos ou pré-socráticos⁵? Será que Nietzsche, em relação a Sócrates, de modo consciente entrou em plena contradição consigo próprio? Ou não?

³ “Quase toda época e etapa da cultura procurou alguma vez, com profunda irritação, livrar-se dos gregos, porque, à vista deles, toda produção autônoma, aparentemente de todo original e sinceramente admirada, parecia de súbito perder cor e vida e encolher-se em cópia malograda e até mesmo em caricatura” (GT/NT, §15).

⁴ A expressão “pré-socráticos” (*Vorsokratiker*) aparece pouquíssimas vezes, apenas em *A filosofia na época trágica dos gregos*, §9, e nos seguintes fragmentos póstumos: NF/FP 21[19] verão de 1872 - início de 1873; NF/FP 6[14] verão de 1875; NF/FP 41[4] agosto-setembro de 1885. Outro termo que também aparece em alguns poucos fragmentos póstumos é “pós-socráticos”.

⁵ Esclarecemos que o foco de nosso interesse aqui não são os termos (pré-platônicos ou pré-socráticos) em si mesmos utilizados, mas as ideias a eles vinculadas, mesmo porque as duas expressões foram raramente usadas por Nietzsche e exclusivamente nos póstumos.

É claro que a resposta não é fácil de ser encontrada. Porém, nós após um prazeroso trabalho de pesquisa⁶ concluímos: tal dualidade não é contraditória já que as duas formas de agrupar os primeiros filósofos gregos são elaboradas a partir de parâmetros bem diferentes, mas não opostos. Apresentaremos a seguir nossos argumentos.

Os filósofos pré-platônicos

Quando Nietzsche compreende Sócrates em continuidade com os primeiros filósofos gregos o que está em questão é a “unidade de estilo” (PHT/FT, § II), a partir da qual ele diferencia os filósofos puros e os mistos. Sócrates, “o dialético perscrutador de almas” (PHT/FT, § II), é visto como o último filósofo puro tanto no caráter quanto na filosofia e Platão como o primeiro misto. Em *A filosofia na época trágica dos gregos*, logo após de diferenciar os filósofos puros (semelhantes às figuras unilaterais) e os mistos (seriam semelhantes às figuras poligonais), Nietzsche afirma: “Depois dessas considerações, ninguém ficará chocado por eu falar dos filósofos pré-platônicos como se formassem uma sociedade coerente e por pensar em dedicar só a eles este escrito. [...] falta aos filósofos, desde Platão, algo de essencial” (PHT/FT, § II).

Em inúmeras passagens de diversos textos de Nietzsche, não só nos póstumos de juventude, Sócrates é apresentado como um homem extraordinariamente inovador e questionador, que leva às últimas consequências sua missão de filósofo: encontrar a verdade utilizando apenas a (sua) razão. Em sua busca incessante pelo verdadeiro conhecimento “verificou que era o único a confessar a si mesmo que *não sabia nada*; enquanto, em suas andanças críticas através de Atenas, conversando com os maiores estadistas, oradores, poetas e artistas, deparava com a presunção do saber” (GT/NT, §13). Surpreso, Sócrates constatou que seus contemporâneos, por mais ilustres que fossem, não possuíam uma “compreensão certa e segura nem sequer sobre suas profissões, seguiam-na apenas por instinto” (GT/NT, §13).

Nietzsche destaca a fórmula “apenas por instinto” e mostra o quanto ela sintetiza a atitude audaciosa do plebeu Sócrates que ousou questionar os antigos nobres gregos

⁶ A pesquisa que venho desenvolvendo sobre Sócrates na interpretação de Nietzsche já propiciou a produção de dois artigos que aprofundam diferentes aspectos dessa rica e instigante interpretação que o filósofo alemão desenvolve sobre o enigmático ateniense: BULHÕES, F. Críticas e elogios de Nietzsche a Sócrates. In: CONTE, J. (Org.). *O que é metafísica? Atas do III Colóquio Internacional de Metafísica*. NATAL: EDUFRRN, 2011, e BULHÕES, F. Sócrates: o abismo mais profundo e a mais alta elevação. In: FEITOSA, C., BARRENECHEA, M. *Assim Falou Nietzsche III. Para uma filosofia do futuro* (Org.). RIO DE JANEIRO: 7 LETRAS, 2001.

porque estes não sabiam demonstrar através de argumentos lógicos seu saber. Tratava-se apenas de uma “sabedoria instintiva”. Deve ter sido realmente espantoso para Sócrates, que possuía uma “natureza inteiramente anormal”⁷ (pois nele os instintos atuavam de modo crítico e a consciência de modo afirmativo e criador), reconhecer que os considerados sábios de sua época não conseguiam explicar através do fio lógico da causalidade seu suposto saber. Ora, para Sócrates, que tinha consciência que nada sabia, e somente nesse sentido concordava com a fala do oráculo que afirmou ser ele o mais sábio dos gregos, era evidente que faltava a seus contemporâneos a consciência de que não sabiam o que supunham saber. Eles sabiam (julgava Sócrates) apenas por instinto e agiam apenas por instinto, isto é, de fato não sabiam e de fato agiam sem ter consciência do que faziam. Na avaliação completamente inusitada de Sócrates, os instintos são insuficientes e incapazes de fundar um conhecimento “certo e seguro” assim como sem a luz da consciência é impossível fundamentar uma moral que aponte à direção da virtude. Por isso, Sócrates inventa um novo lema moral: “Virtude é saber; só se peca por ignorância; o virtuoso é o mais feliz” (GT/NT, §14).

Utilizando a dialética como uma espécie de arma, o impertinente Sócrates foi o grande vitorioso na nova forma de combate que se desenvolvia em sua época, um confronto discursivo. Ele deixou os nobres atenienses tontos e enraivecidos, já que nesse novo campo de batalha, estes, que sempre foram homens de ação e de poucas palavras⁸ e nunca foram homens de explicações, se viram derrotados pelos “chicotes dos silogismos” (GT/NT, §14) tão bem manipulado por Sócrates. Ele, o corajoso guerreiro dialético, enfrentou até a morte seus interlocutores tentando lhes mostrar – em vão – que o instinto é “apenas instinto”. Segundo Nietzsche, quando conduzido ao foro do Estado grego, Sócrates, em vez de procurar escapar das acusações apontadas contra ele, o que seria fácil graças à sua extraordinária capacidade de argumentação, parece ter contribuído para a sua condenação. Plenamente consciente da situação adversa em que se encontrava, mantendo o autodomínio e a serenidade, ele não fez esforço algum para

⁷ “A sabedoria instintiva só se mostra, nessa natureza inteiramente anormal, apenas para contrapor-se aqui e ali ao conhecer consciente, *obstando-o*. Enquanto, em todas as pessoas produtivas, o instinto é justamente a força afirmativa-criativa, e a consciência se conduz de maneira crítica e dissuasora, em Sócrates é o instinto que se converte em crítico, a consciência em criador – uma verdadeira monstruosidade *per defectum!*” (GT/NT, §13).

⁸ Werner Jaeger nos fala que, conforme o ideal de homem que orientava o nobre guerreiro, a *areté* (virtude) estava presente tanto nas ações quanto nas palavras: “E é altamente significativo que seja o velho Fênix, educador de Aquiles, o herói-protótipo dos Gregos, quem exprime este ideal. Numa hora decisiva, Fênix recorda ao jovem o fim para que foi educado: ‘Para ambas as coisas: proferir palavras e realizar ações’. Não foi sem razão que os gregos viram nestes versos a mais antiga formulação do ideal de formação grego, no seu esforço para abranger a totalidade do humano. Citaram-no com frequência, num período de cultura refinada e retórica, para louvar a alegria das ações dos tempos heróicos e opô-la ao presente, pobre de ações e rico de palavras” (JAEGER, *Paidéia*, p. 21). Vale ressaltar que Sócrates viveu nesse contexto “pobre de ações e rico de palavras”.

que sua sentença fosse o exílio em vez da cicuta. Mais uma vez surpreendeu seus concidadãos:

ele foi para a morte com a mesma calma com que, na descrição de Platão, ele, o último dos convivas, deixa o banquete ao despontar da madrugada, para começar um novo dia; enquanto atrás dele, sobre os bancos ou no chão, ficam para trás os adormecidos companheiros de mesa, para sonhar com Sócrates, o verdadeiro erótico. Sócrates *morrendo* tornou-se o novo ideal, nunca antes contemplado, da nobre juventude grega: e o típico jovem heleno, Platão, foi o primeiro a lançar-se, com toda devoção de sua alma arrebatada, aos pés dessa imagem (GT/NT, §13).

Assim, provocando os atenienses a lhe darem a morte como pena, Sócrates propositalmente entregou sua vida em nome de uma verdade que não possuía. Fazendo do ato de morrer uma espécie de ritual filosófico, esse filho de uma parteira com um escultor saiu do anonimato e entrou para a História, tornando-se, assim, uma espécie de mártir da filosofia que movido por um impulso extremamente racional, “soube não só viver, porém, o que é muito mais, morrer” (GT/NT, §15).

Ou seja, utilizando o prisma da “unidade de estilo” que permeia a vida e a filosofia dos antigos pensadores gregos, Nietzsche reconhece e admira o destemido Sócrates como um filósofo genial e original. Aliás, Sócrates é por ele considerado um dos três filósofos mais originais que existiram, os outros dois seriam Pitágoras e Heráclito⁹. De acordo com essa perspectiva, Platão é apresentado como “o primeiro caráter misto extraordinário, tanto na sua filosofia como na sua personalidade” (PHT/FT, § II). Nele, diz o jovem professor, encontram-se unidos elementos socráticos, pitagóricos e heraclíticos, por isso ele “não é nenhum fenômeno do tipo puro”.

Fechando esse tópico, chamamos a atenção de que essa forma de agrupar os primeiros filósofos gregos, que inclui Sócrates como o último filósofo puro, destoa da maioria dos escritos de Nietzsche – sejam os de juventude ou não, sejam póstumos ou publicados.

Os pré-socráticos

Enquanto que nas *Lições* e em *A filosofia na época trágica dos gregos*, o herói dialético aparece em continuidade com a genial série que começa com Tales, em *O*

⁹ Cf. *Les philosophes préplatoniciens*, p. 144.

nascimento da tragédia o que é ressaltado é a ruptura radical entre ele e seus antecessores. Aqui (como em vários outros textos), Sócrates é apresentado como uma espécie de responsável pelo fim da gloriosa civilização grega e pelo início de um novo tempo que gira em torno de novos valores. Sócrates, diz Nietzsche, é “precursor de uma cultura, arte e moral totalmente distinta” (GT/NT, §13); é o “protótipo do otimista teórico” (GT/NT, §15); o primeiro a considerar “aquele mecanismo dos conceitos, juízos e deduções [...] a atividade suprema e o admirável dom da natureza, superior a todas as outras aptidões” (GT/NT, §15); o “mestre de uma forma totalmente nova da ‘serenidade grega’ e felicidade de existir” (GT/NT, §15); é o primeiro “homem teórico” cuja característica é a “sublime ilusão metafísica” (GT/NT, §15) que corresponde a “inabalável fé de que o pensar, pelo fio condutor da causalidade, atinge até os abismos mais profundos do ser” (GT/NT, §15).

Vale notar que as características do estilo puro e original da personalidade e do estilo filosófico de Sócrates não desaparecem nem se modificam. Ele é visto como o mesmo “dialético perscrutador de almas”, o mesmo plebeu que ousou questionar o saber intuitivo da antiga aristocracia grega e que “foi para a morte com a mesma calma com que, na descrição de Platão, ele, o último dos convivas, deixa o banquete ao despontar da madrugada”. A grande diferença é que essas qualidades, que aos olhos de Nietzsche eram o motivo de incluí-lo no seletivo grupo dos filósofos arcaicos, aqui são muito mais acentuadas e tão mais valorizadas que extrapola o indivíduo Sócrates. Este dá lugar a uma figura simbólica capaz de destruir os valores que durante séculos sustentaram a cultura grega. E diante desse ser dotado de uma força descomunal, perplexo, Nietzsche se pergunta: que “semideus” é esse que foi capaz de destruir sozinho o belo mundo mítico-poético dos gregos? Que “força demoníaca” foi essa capaz de desmoronar com seu punho a montanha mágica do Olimpo?

Quem é esse que pôde ousar, sozinho, negar a essência grega, essa essência que em Homero, Píndaro e Ésquilo, em Fídias, em Péricles, em Pítia e Dioniso, como o mais profundo dos abismos e a mais alta elevação, está seguro de nossa assombrada admiração? Que força demoníaca é essa que se atreve a despejar essa poção mágica no pó? Que semideus é esse, ao qual o coro espiritual dos mais nobres da humanidade tem de clamar: ‘Ai! Ai! Tu o destruístes, o belo mundo, com teu punho poderoso; ele desmorona, ele se desfaz!’? (GT/NT, §13).

Eugen Fink, em *A Filosofia de Nietzsche*, considera que a interpretação nietzschiana que coloca Sócrates como o instaurador da crise que irá desagregar a civilização helênica é um equívoco já que este é erroneamente responsabilizado por uma transformação histórica que não foi realizada apenas por um único indivíduo. Diz Fink:

Nietzsche adivinha a posição-chave de Sócrates, mas fixa-a nas categorias da psicologia. Sócrates é, para ele, o negador da essência grega [...]. Mas as coisas apresentam-se como se esta contradição da tradição grega tivesse tido origem na estrutura psicológica radical de um indivíduo (FINK, *O pensamento de Nietzsche*, p.30).

Discordando dessa posição, consideramos que Nietzsche se apropriou de Sócrates como o símbolo do novo tipo de homem que estava efetivamente surgindo desde o século sexto e ganhando cada vez mais consistência até que na segunda metade do século quinto aparece com uma força extraordinária. Usar Sócrates como o retrato desse novo homem foi, na nossa interpretação, uma estratégia de Nietzsche cujo objetivo é concentrar num único ponto os traços disseminados pelo “duvidoso Iluminismo” (GT/NT, §13) que na época se expandia e se insurgia contra a tradição homérica, contra a poesia lírica e trágica e também contra a moral aristocrática. Isto é, Nietzsche, com ou sem razão, faz de Sócrates o emblema de uma nova e revolucionária forma de ser e de pensar que ousava questionar as normas e os valores até então ditados pela sociedade grega, por isso exagera o poder individual de Sócrates a ponto de considerá-lo um semideus, uma força demoníaca. Mas a ação de Nietzsche é deliberada, é consciente, pois ele deixa claro que já existia o desenvolvimento de uma tendência crítica-racional, que ele chama de “antidionísíaca” (GT/NT, §14), agindo antes de Sócrates. Em outras palavras: Sócrates foi escolhido por Nietzsche para ser o homem-símbolo de um “fenômeno”¹⁰ por ele batizado de *socratismo*.

Socratismo é um conceito criado por Nietzsche que do início ao fim do seu trajeto filosófico se refere a um tipo de mentalidade que extrapola um indivíduo particular, por isso encontramos expressões como: tendência socrática, conhecimento socrático, homem socrático, máximas socráticas, socratismo estético e socratismo ético. Esse conceito nietzschiano abrange um núcleo de ideias cujo eixo central é a falta de limite ao impulso racional. O homem socrático não é movido somente por um impulso lógico, é movido, sim, por um “desenfreado impulso lógico” (GT/NT, §13). O âmago

¹⁰ “Eis a extraordinária perplexidade que a cada vez se apodera de nós em face de Sócrates, que nos incita sempre de novo a reconhecer o sentido e o propósito desse fenômeno, o mais problemático da Antiguidade” (GT/NT, §13).

do socratismo não é simplesmente o desejo de conhecer, mas é uma “avidez insaciável” (GT/NT, §15) que quer o conhecimento a todo custo. É esse aspecto excessivo, desmesurado, do fenômeno socrático – que instaura uma oposição entre a razão e os demais instintos, que coloca a razão numa dimensão superior e separada dos outros impulsos – o alvo das severas críticas nietzschianas. Em toda sua obra, Nietzsche pretende mostrar que não existe abismo algum entre razão e instinto. O que existe entre as sensações, emoções e pensamentos, por mais lógicos, abstratos e científicos que sejam, é “apenas” uma diferença de grau.

De acordo com *O nascimento da tragédia*, um dos efeitos terríveis da tendência socrática foi a morte da tragédia pelas mãos de Eurípides. Esse poeta, no qual predomina o seu lado pensador, dotado de um acentuado talento crítico, ao sentar no teatro tal como um espectador e olhar minuciosamente as tragédias de Ésquilo e Sófocles, teve que confessar a si mesmo que estas lhe pareciam pinturas obscurecidas, pois não conseguia entender todos os traços e linhas traçadas pelos grandes mestres trágicos.

com toda clareza e agilidade de seu pensar crítico, sentara-se Eurípides no teatro e se empenhara em reconhecer, como em uma pintura obscurecida, traço após traço, linha após linha, as obras-primas de seus grandes antecessores. E aí encontrara algo que não deve ser surpresa para os iniciados nos arcanos mais profundos da tragédia esquiliana: percebe alguma coisa de incomensurável em cada traço e em cada linha, uma certa precisão enganadora e ao mesmo tempo uma profundidade enigmática, sim, uma infinitude do fundo. A mais clara figura ainda assim trazia uma cabeleira de cometa que parecia apontar para o incerto, o inclarificável. [...] Assim, intranquilo, ficava sentado no teatro, e ele, o espectador, confessava a si mesmo que não entendia seus predecessores. Mas como o entendimento significava para ele a própria raiz de todo desfrute e criação, precisava indagar e mirar à sua volta para saber se alguém mais pensava como ele e confessava igualmente aquela incomensurabilidade. [...] E nessa dolorosa situação ele encontrou o outro espectador que não compreendia a tragédia e por isso não a estimava (GT/NT, §11).

É claro que o outro espectador que também ousa ver as tragédias com um olhar crítico é Sócrates. Ambos, fazendo uma análise à distância, veem na tragédia algo que não pode ser apreendido pelos fios da lógica linear. Nela encontram o infinito, o incerto, o incomensurável. Tal visão os incomoda e os perturba profundamente. O aspecto enigmático latente na arte trágica, que sem dúvida nasce do dionisíaco, causa uma má impressão. Eles não gostam da tragédia porque não gostam do que não compreendem. A

partir desse desgosto, juntos, vão se dar ao trabalho de iluminar tudo o que está obscurecido, de cortar qualquer tipo de “cabeleira de cometa” que aponte para fora dos liames da lógica. E, assim, acabarão por exterminar a expressão artística mais importante da cultura grega: a arte trágica.

Eurípides, o poeta sóbrio que veio condenar e combater os poetas bêbados (GT/NT, §12), se opôs à representação tradicional da tragédia, diz Nietzsche, na medida em que lhe impôs o novo princípio socrático que não admite a criação inconsciente. A “essência do socratismo estético [...] soa mais ou menos assim: ‘tudo deve ser inteligível para ser belo’” (GT/NT, §12). Quer dizer, o impulso que agia em Eurípides não era nem apolíneo nem dionisíaco: “a divindade, que falava por sua boca, não era Dioniso, tampouco Apolo, mas um demônio de recentíssimo nascimento chamado *Sócrates*” (GT/NT, §12, grifo nosso). Ou seja, aos olhos de Nietzsche, a magnitude do homem-símbolo Sócrates é tão excepcional que se compara aos deuses Dioniso e Apolo.

É interessante esclarecer que em *O nascimento da tragédia* Nietzsche não descarta inteiramente a ideia (tal como consta em *A filosofia na época trágica dos gregos*) de que Platão é um inovador, é o primeiro filósofo misto. Aqui, Platão também aparece inaugurando um novo estilo literário que mistura várias tendências, ele seria o “protótipo de uma nova forma de arte, o protótipo do romance” (GT/NT, §14):

Se a tragédia havia absorvido em si todos os gêneros de arte anteriores, cabe dizer o mesmo por sua vez, do diálogo platônico, o qual, nascido, por mistura, de todos os estilos e formas precedentes, paira no meio, entre narrativa, lírica e drama, entre prosa e poesia, e com isso infringe igualmente a severa lei da unidade da forma linguística (GT/NT, §14).

Mas, diferente do seu texto póstumo e coerente com as linhas gerais de seu livro publicado, em *O nascimento da tragédia*, Platão, embora seja um pioneiro na literatura filosófica, antes de tudo, é um seguidor das pegadas de Sócrates. Sua inovação foi realizada sob a influência do “timoneiro Sócrates”: “Platão, sob a pressão demoníaca de Sócrates arrasou a poesia” (GT/NT, §14) ao subjugar-lá à “filosofia dialética”. Ou seja, Platão é apresentado como o belo e nobre jovem artista que foi totalmente seduzido pelo plebeu e feio, porém erótico, Sócrates.

Finalizamos esse breve artigo considerando que Sócrates é visto por Nietzsche por dois ângulos distintos, mas não contraditórios: como um “grande homem” e como

um homem-símbolo que marca o fim da antiga civilização grega e o início de uma nova cultura, a nossa “duvidosa” cultura ocidental. Vale ainda dizer que o homem socrático permanece em todo conjunto da obra nietzschiana com o mesmo sentido enquanto que o homem Sócrates permanece como um enigma a ser decifrado.

Referências bibliográficas

FINK, Eugen. *A Filosofia de Nietzsche*. Lisboa: Presença, 1983.

JAEGER, Werner. *Paidéia. A Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

NIETZSCHE, Friedrich. *Les philosophes préplatoniciens*. Trad. fr. Nathalie Fernand. Apresentação e notas: Paolo D’Iorio. Paris: Editions de Léclat, 1994.

_____. *A filosofia na época trágica dos gregos*. Trad. Maria Inês Madeira de Andrade. Lisboa: Edições 70, 1987.

_____. *O nascimento da tragédia*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Recebido em: 15/03/2013 – Received in: 03/15/2013

Aprovado em: 11/06/2013 – Approved in: 06/11/2013